

A TRADUÇÃO DE *JANE EYRE* DO ROMANCE PARA O CINEMA

Giselle Andrade Pereiraⁱ

Resumo

O presente trabalho tem por principal objetivo analisar o processo de adaptação do romance *Jane Eyre*, de autoria da escritora inglesa Charlotte Brontë, para o filme homônimo de 2011, dirigido por Cary Fukunaga, estrelado por Mia Wasikowska, como Jane Eyre e Michael Fassbender como Mr. Rochester, observando traços de leitura na mudança de sistemas de linguagem. Em sua obra, publicada pela primeira vez em 1847, em plena Era Vitoriana, Charlotte Brontë critica a moral da sociedade inglesa da época ao construir uma personagem que não aceita e questiona as normas, costumes e padrões sociais vigentes no período. Como base teórica, utilizamos os textos de Lefevere (2007) Stam (2008) e Hutcheon (2013) que discorrem sobre tradução como reescrita, sobre intertexto e adaptação fílmica. Partimos da hipótese de que a adaptação fílmica constrói a imagem de uma protagonista com uma voz acentuada que a destaca, além de marcar no seu discurso uma coerência acerca das decisões e escolhas determinantes para a sua felicidade e bem estar.

Palavras-chave: *Jane Eyre*, Literatura, Cinema.

THE TRANSLATION OF *JANE EYRE* FROM NOVEL TO FILM

Abstract

This present paper aims at analyzing the process of adaptation of the novel *Jane Eyre*, written by the English writer Charlotte Brontë, to the 2011 homonymous movie, directed by Cary Fukunaga, starring Mia Wasikowska, as Jane Eyre and Michael Fassbender as Mr. Rochester, observing reading traits in the language systems. In Charlotte Brontë's book, first published in 1847, during the Victorian Era, the writer criticizes the moral of English society when she portrays a character that does not accept norms but questions habits and social standards of the period. As a theoretical basis, we are going to use Lefevere (2007) Stam (2008) and Hutcheon (2013) who write about translation as rewriting, intertext and film adaptation. We start from the hypothesis that the film adaptation builds the image of a protagonist with a strong voice that highlights her, besides marking her speech with coherence about the decisions and determinant choices for her happiness and well-being.

Keywords: *Jane Eyre*, Literature, Cinema.

1 – Introdução

Esse presente artigo analisa o processo de adaptação do livro *Jane Eyre*, da escritora inglesa Charlotte Brontë, publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1847, para o filme homônimo produzido pela produtora Universal Pictures e BBC Films e dirigido por Cary Fukunaga no ano de 2011, na Inglaterra, com enfoque na tradução da personagem Jane Eyre para as telas.

A análise é desenvolvida a partir de uma abordagem crítico-descritiva das narrativas em estudo. As obras literária e fílmica são contextualizadas em relação aos seus períodos de produção, considerando aspectos narrativos dos dois sistemas de linguagem, bem como os aspectos

ⁱ Aluna da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Email: gisellealb@gmail.com

socioculturais que podem influenciar determinadas construções da personagem no cinema.

Nosso ponto de partida é a obra literária de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (2012), em língua inglesa, sobre a qual realizamos uma breve discussão. Em seguida, apresentamos a escritora e o contexto histórico no qual estava inserida quando da publicação da obra. Nesse sentido, os trabalhos de Burgess (1969), Gilbert & Gubar (2000) e Woolf (2013; 2014), que escrevem sobre elementos socioculturais da Inglaterra Vitoriana, são relevantes para nossas reflexões; por fim, a partir dos estudos de Lefevere (2007) Stam (2008) e Hutcheon (2013) sobre reescrita, tradução e adaptação fílmica, analisaremos a adaptação cinematográfica de 2011 do romance *Jane Eyre*, observando o contexto de cada linguagem.

Partimos da hipótese de que a narrativa adaptada para o cinema segue uma tendência transgressora e vanguardista, ao passo que a personagem principal, Jane Eyre, como a personagem no romance, faz questionamentos e críticas sobre o papel da mulher em plena Era Vitoriana. A adaptação fílmica se caracteriza como uma narrativa moderna, onde a ênfase é no psicológico da personagem. Para o desenvolvimento da análise, utilizamos fotogramas dos filmes, destacando os tipos de enquadramento, planos fílmicos, espaço, som, dentre outros elementos que contribuem para a leitura acerca da construção da personagem, em um processo intertextual entre as linguagens e as obras em estudo.

2 – Charlotte Brontë, *Jane Eyre* e a Inglaterra Vitoriana

Charlotte Brontë foi uma escritora e poetisa inglesa, irmã mais velha de Emily Brontë (1818-1848) e Anne Brontë (1820-1849), também escritoras e grandes nomes da Literatura Inglesa. O livro *Jane Eyre*, publicado pela editora Signature Editions (2012), traz as seguintes informações biográficas da autora: nasceu em 21 de abril de 1816 em Thornton na Inglaterra, onde viveu boa parte da sua vida. Faleceu em 31 de março de 1855, com apenas 38 anos de idade, na sua cidade natal.

A autora iniciou sua escrita literária juntamente com suas irmãs, quando ainda eram crianças, e escreveu diversos contos e histórias sobre lugares imaginários. Charlotte e as irmãs iniciaram os estudos em uma escola interna e depois os concluíram em casa com a ajuda do pai e de uma tia. Quando adultas, Charlotte, Emily e Anne trabalharam como professoras e governantas em escolas e em casas de famílias, profissões essas retratadas nas suas obras e nas de Anne.

Durante sua vida, a escritora publicou poesia, contos e romances. No entanto, é preciso notar que, naquele contexto, as mulheres tinham dificuldade para escrever e publicar por vários motivos, como por exemplo, falta de dinheiro, falta de tempo dedicado aos estudos e de um lugar apropriado para a escrita, como apontou Woolf (2014) no seu ensaio *Um teto todo seu*, anos depois.

Além disso, a dificuldade de aceitação das editoras, do público e da crítica literária pode ter sido um fator que contribuiu para que Charlotte Brontë usasse em suas obras o pseudônimo masculino Currer Bell, pois a literatura era restrita e dedicada aos homens, sendo assim mais fácil publicar com nomes masculinos.

Suas irmãs, Emily Brontë e Anne Brontë, também publicaram os seus romances com nomes masculinos, Ellis Bell e Acton Bell. Charlotte, em um prefácio que escreveu para o romance da irmã Emily, *Wuthering Heights*, em 1850, aborda o preconceito sofrido por ela, por suas irmãs e pelas escritoras daquele período e explica o motivo de terem publicado seus livros com nomes masculinos:

Adversas à publicidade pessoal, ocultamos os nossos nomes sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell, sendo a escolha ditada por uma espécie de escrúpulo que nos levava a assumir nomes positivamente masculinos, não querendo confessarmo-nos mulheres porque — embora então não suspeitássemos de que a nossa maneira de pensar e de escrever não era o que se chama “feminina” — tínhamos a impressão de que as escritoras eram encaradas com espírito preconcebido. Notáramos que os críticos por vezes usavam a arma do desprezo pelos escritos femininos ou, ao contrário, da lisonja gentil ao belo sexo (BRONTË, 1985, p. 6).

Nesse sentido, a autora descreve os motivos do uso dos pseudônimos: primeiro, para preservarem suas identidades pessoais; segundo, por acharem que seus escritos não seriam o que era esperado que mulheres no século XIX escrevessem, ou seja, narrativas com temas românticos em que a personagem principal fosse uma mulher frágil, que não questionasse sua condição, apenas buscasse proteção masculina; e, por último, porque os críticos tratavam de maneira diferenciada as obras que tinham por autoria mulheres. Por essas razões, as irmãs Brontë publicaram inicialmente com nomes masculinos.

Porém, ainda em vida, Charlotte tornou-se conhecida por toda a sociedade inglesa, principalmente, após a publicação de *Jane Eyre*, (a primeira edição foi vendida em apenas dois meses), a escritora revelou-se e passou a publicar com o seu verdadeiro nome e divulgou também o nome das irmãs para toda a Inglaterra.

Jane Eyre, romance considerado sua obra-prima e um dos mais significativos da Era Vitoriana (BURGESS, 1969), aborda um assunto polêmico da época: a liberdade da mulher. Após sua primeira publicação em 1847, o romance não foi bem visto pelo público em geral e por críticos literários, possivelmente, por ter como personagem principal uma jovem questionadora, de opinião própria e que se distanciava dos moldes e padrões estabelecidos para as mulheres da época. Gilbert e Gubar (2000) explicam as possíveis causas da crítica negativa ao romance: “[...] a sua recusa ‘anticristã’ para aceitar as formas, costumes e padrão da sociedade – em suma, seu feminismo rebelde [...] [e] a recusa da heroína em se submeter ao seu destino social [...]. O que horrorizava os

vitorianos era a raiva de Jane.ⁱ (GILBERT e GUBER, 2000, p. 338).

Charlotte Brontë também escreveu os romances *Shirley*, lançado em 1849; *Villette*, em 1853; e *O Professor*, publicado postumamente em 1857. A autora também publicou um livro de poemas juntamente com as irmãs Emily Brontë e Anne Brontë, *Poems by Currer, Ellis, and Acton Bell*, em 1846, sua primeira obra literária publicada. Nos romances mencionados acima e também em *Jane Eyre*, a autora aborda e enfatiza a condição social da mulher e a diferença de papéis de gênero estabelecidos na Era Vitoriana, tema esse que perpassa toda a sua produção literária. Por fim, sua obra, mesmo após mais de um século desde a primeira publicação, continua sendo bastante vendida e seu principal romance é frequentemente adaptado para o cinema e séries televisivas.

A narrativa do romance *Jane Eyre* inicia com sua protagonista enquanto criança e se prolonga até a sua vida adulta. A jovem enfrenta vários desafios na sua trajetória, o que a torna uma mulher questionadora e independente. A personagem narra, por exemplo, a perda dos pais quando criança, o que a fez morar com o tio materno, Mr. Reed, na mansão Gateshead Hall, porém, após um ano, ele também falece; em seguida, Jane é criada por sua tia, Mrs. Reed, esposa de seu tio, uma mulher de temperamento difícil, que desprezava e maltratava a sobrinha ainda na idade infantil.

Após quase 10 anos convivendo com a família Reed, Jane Eyre é enviada para estudar e morar permanentemente em uma escola interna, Lowood School, onde também passa por várias dificuldades, no entanto, o ambiente era melhor que a casa da tia. Depois de oito anos vividos em Lowood School, Jane demonstra cansaço por aquela vida reservada e afastada do mundo. A jovem decide partir e conhecer outros lugares, outras pessoas, e ter a liberdade que ela almejava e lhe foi, na maior parte de sua vida, negada, como podemos observar no trecho da narrativa abaixo:

[...] as regras e obrigações da escola, seus hábitos e noções, suas vozes e rostos e frases, costumes, preferências e antipatias: isso era o que eu sabia da existência. E agora sentia que não era o bastante. Cansei-me, numa tarde, da rotina de oito anos. Desejava liberdade, ansiava pela liberdade; pela liberdade rezei uma oração, que pareceu se dispersar no vento suave [...]. (BRONTË, 2012, p. 80).ⁱ

Nesse momento do romance, percebemos como Jane não aceita o que lhe é imposto, pois a personagem não deseja passar a vida inteira presa em um internato. A partir dessa reflexão, a jovem anseia por algo para mudar seu destino. Jane anuncia em um jornal e logo é contratada para trabalhar como governanta e professora de uma menina chamada Adèle, na mansão Thornfield Hall,

ⁱ [...] its “anti-Christian” refusal to accept the forms, customs, and standard of society – in short, its rebellious feminism [...] the heroine’s refusal to submit to her social destiny [...]. What horrified the Victorians was Jane’s anger. (Todas as traduções não referenciadas são de nossa autoria).

ⁱ [...] school-rules, school-duties, school-habits and notions, and voices, and faces, and phrases, and costumes, and preferences, and antipathies — such was what I knew of existence. And now I felt that it was not enough; I tired of the routine of eight years in one afternoon. I desired liberty; for liberty I gasped; for liberty I uttered a prayer; it seemed scattered on the wind then faintly blowing. [...]. (Todas as traduções do romance *Jane Eyre* são de Adriana Lisboa, da edição brasileira da editora Zahar, ano 2018).

longe da escola e mais longe ainda da casa de Mrs. Reed. Nesse lugar, Jane Eyre conhece o dono da mansão, Mr. Edward Rochester, por quem ela se apaixona e é correspondida, mas aos poucos descobre segredos desse homem misterioso.

Jane Eyre se caracteriza como um romance de autobiografia ficcional da personagem protagonista, em que Jane narra sua própria história e coloca em questão temas sociais relacionados às mulheres do período, uma vez que, no período vitoriano, a mulher era considerada um ser frágil e submisso (WOOLF, 2013).

A personagem reivindica, através da escrita, dos diálogos e discursos, os direitos sociais que lhe eram negados e questiona as tarefas que apenas as mulheres deveriam cumprir, como também expõe a sua opinião sobre o sexo masculino ser privilegiado:

Das mulheres se espera que sejam calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para suas faculdades e espaço para seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar a preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se elas buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo. (BRONTË, 2012, p. 104).ⁱ

No trecho acima, observamos que Jane Eyre expõe sua opinião sobre os privilégios masculinos e sobre as atividades destinadas às mulheres. Do mesmo modo, percebemos sua força de questionar os papéis direcionados ao gênero feminino na era vitoriana.

No curso da narrativa, a personagem passa por grandes provações e, apesar de tudo, Jane não desiste de seus princípios e ideais. Mesmo sozinha no mundo, ela se torna uma mulher confiante e com uma boa educação. O desfecho do romance se dá com a protagonista conquistando sua liberdade com condições financeiras favoráveis a um bom estilo de vida – concedido por uma herança de um tio –, e casando-se por vontade própria com Mr. Rochester: “Leitor, casei-me com ele”ⁱ (BRONTË, 2012, p. 437), sendo ela a dona do seu destino, em uma época em que as mulheres não tinham o direito de serem protagonistas da própria história de vida.

O contexto histórico em que a escritora Charlotte Brontë está inserida é a Inglaterra Vitoriana, período em que corresponde ao reinado da Rainha Vitoria, entre os anos de 1837 e 1901. Essa era se caracteriza por diversas mudanças na economia, na indústria e nas artes em geral, mas também possuía uma moral rígida, em que o tradicionalismo, as repressões de gênero e de classes sociais eram incentivadas e requeridas.

ⁱ [...] Women are supposed to be very calm generally: but women feel just as men feel; they need exercise for their faculties, and a field for their efforts, as much as their brothers do; they suffer from too rigid a restraint, to absolute a stagnation, precisely as men would suffer; and it is narrow-minded in their more privileged fellow-creatures to say that they ought to confine themselves to making puddings and knitting stockings, to playing on the piano and embroidering bags. It is thoughtless to condemn them, or laugh at them, if they seek to do more or learn more than custom has pronounced necessary for their sex.

ⁱReader, I married him.

A Inglaterra Vitoriana foi um período puritano com uma moral rígida, na qual as bases eram “[...] grandes famílias com o pai como a cabeça divina, e a mãe, como uma criatura submissa.”ⁱ (BURGESS, 1969, p. 235). Essa época consolidou muitos padrões sociais, especialmente, aqueles destinados às mulheres, que historicamente tinham seus direitos negados, não podendo expressar-se naquela sociedade repleta de valores que não poderiam ser desobedecidos, como as constituições familiares, os deveres da fé, entre outros. Portanto, a narrativa se passa na sociedade vitoriana, uma sociedade patriarcal onde os papéis sociais de homens, de mulheres e de crianças eram estritamente definidos. Nesse contexto, *Jane Eyre* se apresenta como uma personagem que questiona e desconstrói determinados valores impostos ao gênero feminino.

3 – A tradução de *Jane Eyre* do romance para o cinema

O romance *Jane Eyre* foi adaptado para o cinema e TV em diversas ocasiões. A primeira versão cinematográfica da obra é de 1910, na época do cinema mudo e foi produzida pela Thanhouser Company nos Estados Unidos. A primeira adaptação do cinema falado é de 1934, dirigido por Christy Cabanne. O livro também foi adaptado para seis séries televisivas pelo canal britânico BBC, entre elas as adaptações de 1983 e de 2006; a adaptação fílmica mais recente do romance é a de 2011, dirigida por Cary Joji Fukunaga.

A adaptação que escolhemos para analisar nesse trabalho é o filme de 2011, quando o romance foi roteirizado e adaptado com título homônimo para o cinema, com a direção do cineasta norte-americano Cary Joji Fukunaga e tendo como roteirista a dramaturga inglesa Moira Buffini.

A relação entre literatura e cinema começou no início do século XX e com ela os estudos sobre adaptação fílmica. Stam (2008), Hutcheon (2011), entre outros, desenvolvem pesquisas acerca desse fenômeno, em que obras literárias adaptadas para o cinema são estudadas.

Nesse sentido, vale ressaltar a contribuição de Lefevere (2007) acerca do conceito de reescritura, na qual o autor afirma que “a tradução é, certamente, uma reescrita de um texto original. Toda reescritura, [...] reflete uma certa ideologia.” (LEFEVERE, 2007, p. 11), uma vez que as traduções – entre línguas, poéticas, culturas e sistemas – passam pela mediação dos tradutores, que podem “[...] escolher adaptar-se ao sistema, permanecendo dentro dos parâmetros delimitados por suas restrições [...], ou eles podem escolher opor-se ao sistema, tentando operar fora de suas restrições.” (LEFEVERE, 2007, p. 32). Portanto, diretores de cinema – vistos como tradutores – reescrevem e transformam os textos literários de acordo com as configurações estéticas do cinema e das condições mercadológicas da sétima arte, como também de acordo com o contexto em que estão inseridos, para que essas reescrituras, traduções e adaptações sejam bem recebidas nos seus

i[...] large families with the father as a godlike head, and the mother as a submissive creature.

contextos de chegada.

Outro ponto importante no conceito de Lefevere (2007) é a ideia de que os tradutores, a partir da reescritura de obras, criam imagens de autores e das próprias obras em outros sistemas, como no caso de *Jane Eyre*, que é reescrita no cinema. Para Lefevere:

No passado, assim como no presente, reescretores criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura. Essas imagens existiam ao lado das originais com as quais elas competiam, mas as imagens sempre tenderam a alcançar mais pessoas do que o original correspondente e, assim, certamente o fazem hoje (LEFEVERE, 2007, p. 18-19).

Stam (2008) argumenta o seguinte:

Uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação. A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (STAM, 2008, p. 20).

Portanto, entendemos a adaptação fílmica de uma obra literária como a criação de outra obra, então, não cabe aqui julgarmos se o filme é fiel ou não e sim buscarmos aspectos narrativos que são construídos a partir de cada sistema de linguagem, a partir da leitura e observação dos determinados contextos. O filme adaptado do romance *Jane Eyre* representa outra leitura, sendo diferente e, ao mesmo tempo, mantendo intertextos com a obra de Charlotte Brontë.

No livro *Uma teoria da adaptação* (2013), Hutcheon trabalha com a proposta de que uma adaptação é produto e processo, sustentando a premissa de que as obras “pertencem a um contexto – um tempo e um lugar, uma sociedade e uma cultura” (HUTCHEON, 2013, p. 17). Assim, ao observarmos os critérios que regem a adaptação de um livro para o cinema, é necessário compreender que cada adaptação está inserida em uma dada cultura e sua respectiva época.

Nessa perspectiva, considerando os aspectos supracitados do romance *Jane Eyre*, e os conceitos de Lefevere (2007), Stam (2008) e Hutcheon (2013), levantamos os seguintes questionamentos: é possível observar intertextos entre o romance e o filme de 2011? Quais imagens da personagem Jane Eyre o filme cria? Por fim, apresentamos o problema central do trabalho: como se dá o processo tradutório do romance *Jane Eyre* para a narrativa cinematográfica?

O filme *Jane Eyre* de direção do cineasta norte-americano Cary Joji Fukunaga foi filmado em 2010 na Inglaterra e teve sua estreia mundial em 2011, com Mia Wasikowska, no papel de Jane Eyre e Michael Fassbender como Mr. Rochester; ambos já possuíam, no momento em questão, certa fama no sistema cinematográfico, sendo esse um motivo importante para a projeção e aceitação do público. A atriz Mia Wasikowska, por exemplo, participou um ano antes do filme *Alice in Wonderland* (2010), dirigido por Tim Burton, adaptado do romance clássico vitoriano *Alice in*

Wonderland de Lewis Carroll, tendo a atriz interpretado a personagem Alice.

O filme *Jane Eyre* é colorido, tem 120 minutos de duração e foi filmado em Derbyshire, na Inglaterra. As localidades escolhidas possuem paisagens que retratam o cenário da Inglaterra rural, semelhantes às descrições do livro. Nesse contexto, por exemplo, os locais de gravação são uma marcação intertextual importante entre as obras em questão. (ver Figura 1). Outro intertexto importante com o livro é o impacto dramático e gótico, representado por névoas, sombras, cenários inquietantes, chuvas, música dramática, entre outros.

Figura 1 – Paisagem que representa a Inglaterra rural



Fonte: Fukunaga (2011)

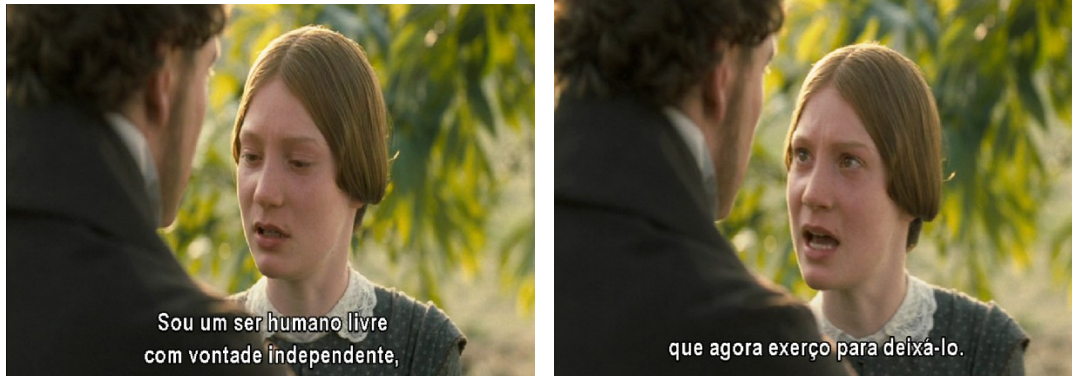
O filme possui características da narrativa cinematográfica moderna, sendo o enredo não-linear – enquanto no livro temos uma narrativa linear, onde há a história de Jane da infância a vida adulta, no filme a primeira cena a personagem já é adulta e está no conflito da história, nas cenas seguintes, a partir de flashbacks da personagem (técnica geralmente usada para esclarecer lacunas antecedentes de uma dada situação, no caso a fuga de Jane de Thornfield Hall) e perguntas feitas a ela, conhecemos sua história – quando criança na casa da tia Mrs. Reed, na escola, Thornfield Hall e até chegar o momento novamente da fuga, onde assistimos o desfecho da história em tempo cronológico.

No que diz respeito à adaptação das personagens, o foco narrativo é na personagem Jane Eyre e no seu psicológico (dramas, pensamentos e sonhos), essa é outra característica da narrativa cinematográfica moderna. Na primeira cena do filme, que é a fuga da personagem de Thornfield Hall, Jane Eyre nos é apresentada em uma escala que vai do primeiro plano (câmera filmando o seu rosto) para planos gerais (Jane e o espaço), o que a reduz diante da paisagem; Jane está só, é quase noite e chove bastante, essa primeira cena é a representação da solidão de Jane.

Na relação entre as personagens Jane Eyre e Mr. Rochester há a construção de vários diálogos, e nestes, Jane sempre se destaca como protagonista, não se calando diante as perguntas e

insinuações de Rochester, às vezes o deixando sem palavras. (Ver Figuras 2 e 3).

Figura 2 e 3 – Jane Eyre e Mr. Rochester

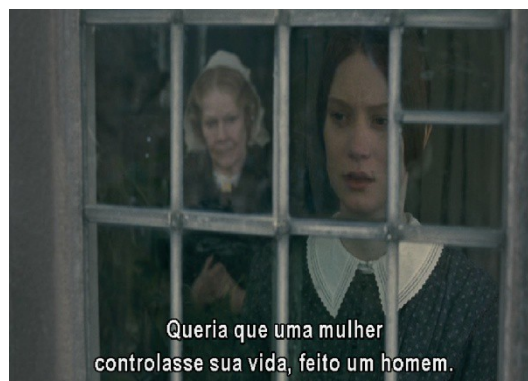


Fonte: Fukunaga (2011)

Algumas técnicas do cinema tais como o tipo de câmera e o elemento de *voice-over* (apenas a voz da personagem e esta fora da cena) podem indicar uma personagem enquanto centro da instância narrativa, como é o caso de Jane. No decorrer das cenas, vemos que os acontecimentos nos são apresentados a partir do ponto de vista de Jane Eyre, então ouvimos o que ela ouve e vemos o que ela sonha, lembra e pensa, portanto as outras personagens sempre estão em um segundo plano.

Na figura abaixo (ver Figura 4), a câmera nos apresenta Jane de fora para dentro da casa, para assim ilustrar a prisão que a personagem vivia por não poder ter a liberdade que tanto buscava. Nessa cena, Jane, ao olhar a paisagem e os campos distantes, de uma maneira triste, pois não poderia desbravá-los, se questiona sobre o fato do gênero feminino não ter os mesmos direitos que o gênero masculino.

Figura 4 – Jane Eyre



Fonte: Fukunaga (2011)

Como no romance, o modo como o filme constrói Jane Eyre reforça a personagem

questionadora e crítica com relação ao sistema sociocultural em que estava inserida e ao que era destinado ao gênero feminino e, ela, através de diálogos, discursos e questionamentos, nos mostra seus anseios em querer mudanças em sua vida e na vida das mulheres.

4 – Considerações Finais

Concluimos, a partir da análise, que a adaptação filmica *Jane Eyre* de 2011 constrói a imagem de uma protagonista com uma voz acentuada que a destaca, além de marcar no seu discurso uma coerência acerca das decisões e escolhas determinantes para a sua felicidade e bem estar.

Por fim, justificamos a relevância de estudos acerca da obra de Charlotte Brontë que foi e continua sendo adaptada no cinema em diferentes momentos. Dessa maneira, esperamos contribuir para as pesquisas desenvolvidas sobre sua produção literária, bem como acerca do campo de estudos da Adaptação Filmica, ampliando as perspectivas de leituras do romance *Jane Eyre*, no contexto da literatura inglesa do século XIX, em relação com o cinema, abordagem na qual a palavra e a imagem promovem um jogo dinâmico de interpretações na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. New York: Signature Editions, 2012.
- _____. **Jane Eyre**. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Vera Pedroso. São Paulo, Cedibra, 1985.
- BURGESS, Anthony. **English Literature: a survey for students**. London: Longman, 1969.
- GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination**. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2000.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.
- JANE Eyre. Direção: Cary Fukunaga, Produção: Alison Owen. Inglaterra, Universal Pictures, 2011. 1 DVD, 120 min, color. son.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru-SP: EDUSC, 2007.
- STAM, Robert. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. London: Collector's Library, 2014.
- _____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.